

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

3



Atena
Editora
Ano 2022

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE:

Lugares, história e condições

3



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Gênero e sexualidade: lugares, história e condições 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gênero e sexualidade: lugares, história e condições 3 /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0464-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.644222807>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Ferreira,
Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea Gênero e sexualidade Lugares, história e condições, reúne neste terceiro volume oito artigos para problematizar as relações de gênero na contemporaneidade.

A partir da virada do século XIX para o XX, com o advento da Psicanálise, estudando a histeria e se questionando sobre o que quer uma mulher, e com as discussões em torno das Ciências Sociais e Humanas, que procuravam encontrar um lugar social para os homens e mulheres, e sobretudo, com o advento das pesquisas culturais e feministas, indagando sobre a participação dos grupos minoritários na sociedade, as pesquisas sobre sexualidade e gênero ganham espaço nos meios acadêmicos.

Do questionamento sobre como se constrói uma mulher, à despatologização da homossexualidade, e à luta pela igualdade de direitos, um leque infinito de possibilidades discursivas é aberto, na tentativa tanto de remediar os efeitos danosos de intolerância e tradicionalismo, quanto de construção de subjetividades impares.

Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de leituras sobre a questão do gênero surja para cada leitor.

Uma boa leitura a todos!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ÍRIS DE FÁTIMA DA SILVA, UMA ‘PARAIBUCANA’ NA LUTA PELO FEMINISMO NEGRO E LÉSBICO

Giovanna de Araújo Leite

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228071>

CAPÍTULO 2..... 8

POLÍTICA PÚBLICA DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DO “PROGRAMA MULHERES MIL” DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO, CAMPUS DE URUTAÍ

Luma Rosa Martins Silva

Jonas Modesto de Abreu

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228072>

CAPÍTULO 3..... 23

MULHERES INDÍGENAS E FEMINISMOS – UM ENCONTRO PARA DESCOLONIZAR CONCEITOS A PARTIR DO MOVIMENTO DE MULHERES INDÍGENAS NO BRASIL

Luciana Nogueira Nóbrega

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228073>

CAPÍTULO 4..... 36

AFINAL, O QUE É IDEOLOGIA DE GÊNERO?

Marcela Rodrigues Santos

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228074>

CAPÍTULO 5..... 42

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER - DANO EMOCIONAL DENTRO DOS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Letícia Sousa Marques

Roseane Vilarins de Almeida

Bernadino Cosobek da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228075>

CAPÍTULO 6..... 53

VIOLÊNCIA FÍSICA CONTRA A POPULAÇÃO ADULTA: UMA ANÁLISE DAS NOTIFICAÇÕES NO ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Karina Fardin Fiorotti

Márcia Regina de Oliveira Pedroso

Franciéle Marabotti Costa Leite

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228076>

CAPÍTULO 7..... 68

REFLEXÕES SOBRE O ATENDIMENTO DE INDIVÍDUOS NÃO-HETEROSSEXUAIS EM

UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA RELIGIOSA

Janine Targino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228077>

CAPÍTULO 8..... 74

AS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DAS BODAS DE CANÁ (JO 2,1-11)

Josymara Dias de Paula

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228078>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 84

ÍNDICE REMISSIVO..... 85

CAPÍTULO 8

AS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DAS BODAS DE CANÁ (JO 2,1-11)

Data de aceite: 04/07/2022

Data de submissão: 14/06/2022

Josymara Dias de Paula

Goiânia-GO

https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=5F2ED6B0F02B17C8702AE79B1B3E6D7C

RESUMO: Este artigo se trata do tema de minha dissertação de mestrado, cujo trabalho pesquisado foi sobre as mulheres do Evangelho de João e o papel destas mulheres e casais na formação da igreja primitiva, com o objetivo de reconstruir seus papéis que foram esquecidos diante da história fazendo memórias aos espaços que elas conquistaram para trazer a importância não somente do masculino, mas também do feminino, dentro da religião, o que busco fazer memória de dessas mulheres que foram protagonistas de suas próprias histórias de vida. Diante disto, reconstruindo as relações de gênero que foram se perdendo no tempo principalmente em relação da importância do papel feminino na igreja primitiva juntamente com os discípulos. O ponto de partida é a festa de casamento nas Bodas de Caná onde Jesus transforma a água em vinho através do pedido de sua mãe Maria. Logo em seguida falo sobre o papel da mulher Samaritana para com a unidade da igreja, ademais sobre Maria e Marta e a importância da diaconia e Maria de Magdala a discípula da ressurreição. Contudo, trago a ação

Jesus e Maria nas Bodas de Caná como meio de ressignificar as relações de homens e mulheres em meio a tantas causas de violências, como a violência doméstica cujo aumento foi significativo diante da pandemia do COVID 19.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Protagonismo de Mulheres e Religião.

GENDER RELATIONS FROM THE MARRIAGE OF CANA (JO 2,1-11)

ABSTRACT: This article deals with the theme of my master's thesis, whose researched work was about the women of the Gospel of John and the role of these women and couples in the formation of the primitive church, with the objective of reconstructing their roles that were forgotten in the face of history making memories to the spaces they conquered to bring the importance not only of the masculine, but also the feminine, within religion, which I seek to make memory of these women who were protagonists of their own life stories. In view of this, reconstructing the gender relations that were lost in time mainly in relation to the importance of the female role in the early church together with the disciples. The starting point is the wedding feast at the Wedding at Cana where Jesus turns water into wine at the request of his mother Mary. Then I talk about the role of the Samaritan woman towards the unity of the church, also about Mary and Martha and the importance of diakonia and Mary of Magdala the disciple of the resurrection. However, I bring the Jesus and Mary action at the Wedding in Cana as a means of re-signifying the relationships of men and women in the midst of so many causes of

violence, such as domestic violence whose increase was significant in the face of the COVID 19 pandemic.

KEYWORDS: Gender; Protagonism Of Women And Religion

A FESTA DE CASAMENTO NAS BODAS DE CANÁ (JO 2,1-11)

A partir do século II, como diz no texto Tosefta (*apud* JEREMIAS, 1983, p. 337) estas festas tinham o intuito de participar de associações de interesse público (*heber ir*), e assim, se consagrar às obras de caridade, mas também de observar as prescrições litúrgicas. Conforme Gondim; Gondim (2012, p. 73) o casamento na tradição judaica era muito respeitado e compreendido como sagrado entre o homem e a mulher. E o que foi construído também que se destaca na bíblia é que nos casamentos a mulher era submissa ao homem (Ef 5,21-6,1), desde a casa até as organizações sociais, econômicas e políticas (STRÖHER, 2000, p. 37). Para Arens (*apud* DUARTE, 2018, p. 294), porém, “a princípio, os casamentos não tinham relação com o amor, eram arranjados por motivos econômicos” e esclarece que a possibilidade de casar era restrita aos nascidos livres, não significando que quem não fosse ‘cidadão’ não poderia se casar, mas por estar em condição ilegítima, fora da lei, era visto como *contubernium*¹, pois não possuíam respaldo legal. Conforme Jeremias (1983, p. 479-480) era o pai que escolhia o marido da filha mesmo sem que ela concordasse.

Em se tratando de uma tradição tão importante para a fé e a vida das pessoas e comunidades judaicas, o casamento deve ser perpassado por amor e alegria (GONDIM; GONDIM, 2012, p. 74). Para além da realização e da festa de casamento, convém lembrar que, no que se refere à situação de mulheres e com base em Jeremias (1983, p. 485), que elas eram praticamente excluídas das relações sociais. Esta realidade está presente no próprio texto, porque a noiva nem sequer é mencionada, mas apenas o noivo, com quem Jesus fala. A mulher, contudo, como esposa, tinha deveres, entre os quais estava cuidar das necessidades do lar e do marido, trabalhar para adquirir alguma renda, a qual passava aos cuidados do marido; caso desobedecesse a um desses requisitos estaria agindo contra os deveres religiosos. Também Ströher (2000, p. 40) afirma que a submissão das mulheres é justificada social e politicamente, mas acrescenta de forma crítica que, no contexto do casamento (no caso cristão), os maridos devem amar suas esposas com base na igualdade. Contudo, este desafio e esta possibilidade de transformação são complexos, sendo que até hoje a submissão das mulheres e a violência contra mulheres, especialmente dentro dos casamentos, continua existindo, visto que, a sociedade construiu e mantém relações desiguais entre homens e mulheres.

É possível, pois, inspirar-se nas atitudes de mulheres e de homens da comunidade

¹ Expressão em latim que significa: companhia. Disponível em: < <https://www.google.com/search?q=tradutor+google&oq=trad&aqs=chrome.69i59j0j69i57j0l5.1850j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8> > Acesso em: 05 de ago. 2020. 11:07.07.

joanina para essas transformações socioculturais, já que elas e eles buscaram vivenciar os valores evangélicos deixados por Jesus como demonstração do seu seguimento (FEHRIBACH, 1988, p. 24-25).

O PROTAGONISMO DAS MULHERES NO EVANGELHO DE JOÃO

Acerca de Maria no Evangelho de João, Richter Reimer (2013, p. 19) destaca que:

[...] é mencionada apenas duas vezes: ela protagoniza logo no início da atuação pública de Jesus, por ocasião de um casamento em Caná da Galileia (Jo 2, 1-12), e nesse contexto que também aparecem os irmãos de Jesus. Além disso, Maria reaparece apenas mais uma vez, ao lado de sua irmã anônima, junto à cruz de Jesus (19,25-27). Aqui, destaca-se Maria como mulher judia que teve filhos e filha, que teve (no mínimo) uma irmã, e também como mãe que acompanha seu filho em sua práxis desde o início de seu ministério até sua morte de cruz.

Maria presente nas Bodas de Caná (Jo 2,1b) diz a Jesus: “Eles não tem mais vinho” (Jo 2,3b). Jesus responde: “Que queres de mim, mulher? (Jo 2,4), conforme Murad (2012, p. 92): “quando Jesus chama sua mãe de ‘mulher’ não a ofende, ao contrário mostra o valor dela, como mulher e figura feminina efetiva e simbólica da comunidade cristã”. Acrescenta também Leite (2015, p. 34-35) que a narrativa tem um conteúdo simbólico-teológico que está na falta de amor que aquele povo estava vivendo em suas relações com Javé. “Núpcias sem vinho é matrimônio sem amor” (LEITE, 2015, p. 34). Com isto, Maria faz parte deste ‘vinho novo’ que estreita as relações do povo com Deus. O ser humano necessita de amor, compreensão, e Maria vê o que estava acontecendo e não pede para si, mas para os outros (MURAD, 2012, p. 92). E assim, chama a atenção de Jesus sobre a realidade que aquele povo estava vivenciando (LEITE, 2015, p. 35), para que Jesus os libertasse da incapacidade de amar (PAGOLA *apud* LEITE, 2015, p. 35), o que nos deixa claro no texto o papel de Maria como protagonista.

Já a mulher Samaritana corrobora Leite (2015, p. 42-43) que através deste diálogo de Jesus com ela acontece o verdadeiro nascimento da comunidade joanina, pois aqui percebe-se a diferença da raça, culto e cultura, em que há diferenças marcantes. Os samaritanos eram vistos como pagãos e marginalizados pelos judeus fariseus (Jo 8,48), estes o consideravam hereges por questões culturais. Visto que, após este encontro a Samaritana torna-se discípula e missionária de Jesus. Konings (2000) acrescenta que os escribas e fariseus davam valor ao conhecimento, o empenho de ‘perscrutar as Escrituras’, mas desprezavam os simples dizendo que ‘não conhecem a lei’ (Jo 7,49). No entanto, o Jesus joanino diz que nada serve o conhecimento das lideranças se não acreditam nele (Jo 3,10;5,39 etc.), mas que em compensação os cristãos conhecem ‘Deus em Jesus’. O autor finaliza dizendo que podemos perceber isto hoje como quem na busca do saber religioso transforma seu conhecimento em posse, para se sentir superior aos outros, e assim, as

pessoas dizem que conhecem o evangelho por inteiro, mas na verdade não veem nele a ação transformadora do amor fraterno.

Por fim, de acordo com Konings (2000, p. 55) vemos no Quarto Evangelho mediante esta passagem da Samaritana, cujo período seria em meados do século I propriamente em Jâmnia, um distanciamento do Império Romano de cultura helenista, que deixa um conflito aberto com o judaísmo dominante, mas que tanto os discípulos de Jesus, ou seja, que já faziam parte da comunidade joanina, quanto os que ainda não o eram como a Samaritana e os outros samaritanos que através do anúncio daquela ‘mulher’ passaram também a fazer parte da comunidade joanina, e assim, a comunidade joanina crescia em número e também cada vez mais na fé em Jesus o Cristo.

Adentrando em Maria e Marta de Betânia é significativo o protagonismo dessas mulheres no discipulado de Jesus. Começamos então a falar da participação de Marta que conforme Fehribach (2001, p. 172) demonstra ser mais ativa, uma mulher independente e de domínio de si, que expressa sua fé em Jesus mesmo ele não podendo estar lá quando seu irmão Lázaro ainda estava doente, pois era o único parente vivo que ela e sua irmã Maria tinham. Segundo Jaubert (1985, p. 81) a confissão de fé de Marta é a mesma da comunidade que depois vai aderir a Cristo (Jo 11,27). Neste texto veremos o protagonismo de Maria de Betânia irmã de Marta e Lázaro amigos de Jesus. O texto remete seis dias antes da Páscoa (Jo 12,1), em que Maria, Marta e Lázaro oferecem um jantar a Jesus, Lázaro estava à mesa com ele, e Marta o servia (Jo 12,2), enquanto que Maria ungia os pés de Jesus com perfume de nardo puro, e enxugava com seus cabelos (Jo 12,5). Por fim, conforme Valério (2005, p. 1451) Jesus defende o gesto de uma mulher (Jo 12,7), que ungira Jesus preparando ele para o seu sepultamento, mediante um perfume de nardo, cujo valor era altíssimo, enquanto que Judas Iscariotes preparava para entregar Jesus (Jo 12,4), por algumas moedas de prata nas mãos dos sumos sacerdotes e chefes da lei. Assim, mais uma vez uma mulher se torna exemplo do verdadeiro discipulado de Jesus.

Maria de Betânia reporta o exemplo de discipulado da comunidade joanina na prática (TONINI, 2000, p. 34), cujo ofício estabelecido era a diaconia. Segundo Stegemann; Stegemann (2004, p. 423), a palavra *diakoneîn* designa de forma reduzida a tarefa de servir referindo-se somente à mesa, visto que, este papel era designado às mulheres, mas que pode ser abrangente e referir-se também aos cuidados para com às pessoas. E, por isto, as mulheres estariam aptas a servir não somente à mesa, mas também às pessoas, e isto, foi feito por Maria quando ungiu os pés de Jesus, e denominada a discípula fiel, que contrasta com Judas, o traidor, discípulo infiel que desacreditou com toda sua objeção masculina (TONINI, 2000, p. 34), se colocando contra o discipulado de Jesus. Por fim, Schottroff (*apud* STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 424) designa o servir numa visão de seguimento pela participação de mulheres no movimento de Jesus e estabelece início de uma nova forma de servir/*diakonoí*, onde todos/as podem servir tanto à mesa, quanto às pessoas, independente do gênero- hierárquico de trabalho, rompendo com o suprimento

de trabalho realizado somente por mulheres. Diante disso, Jesus promete ser narrado este gesto de Maria onde se proclamar o evangelho (Mt 26,6-13) (VALÉRIO, 2005, p. 1451).

No Evangelho de João, Maria Madalena recebe destaque tanto na morte de Jesus, aos pés da cruz (Jo 19,25) junto com Maria mãe de Jesus e mais duas outras mulheres, Maria de Cleopas e aquele/a conhecido/a pelo/a discípulo/a amado/a, quanto na ressurreição de Jesus onde ele aparece para ela e a pede para anunciar aos discípulos que ele subirá ao Pai (Jo 20,16), que também é o Pai dos/as discípulos/as. Segundo Jaubert (1985, p. 98), “os discípulos já não são mais chamados de ‘servos’(Jo 15,15), mas de ‘irmãos’”, pois o Pai de Jesus é também o Pai deles/as, o Deus de Jesus passa a ser o Deus dos discípulos também, e que a presença de Jesus agora se dará de outra forma, em Espírito Santo (At 1,8). Conforme Fehribach (2001, p. 250) Maria Madalena foi aquela que transmitiu a mensagem da ressurreição de Jesus aos discípulos entre os quais, Pedro, como também diz Schüssler Fiorenza (1995, p. 90), Maria Madalena foi enviada para proclamar o Kerigma da Páscoa, inclusive a Pedro. Com isso, “não basta somente ouvir as mulheres, mas também dialogar de forma respeitosa” (SOUZA; RICHTER REIMER, 2018, p. 274), para assim irmos reconstruindo a exemplo da comunidade joanina, uma conscientização de gênero, mediante as mulheres e o papel que poderão desempenhar para a fé e comunidade cristãs (SCHÜSSLER FIORENZA, 1995, p. 90), e se estender também para fora da Igreja-Instituição. Segundo Schottroff (*apud* SOUZA; RICHTER REIMER, 2018, p. 264) não havia disputa entre mulheres por lideranças de comunidades, o fato de Maria Madalena ser mencionada em meio a outras mulheres supõe que ela exercia autoridade sobre as mesmas dentro das comunidades.

Assim, desconstruímos para uma reconstrução bíblica do papel da mulher no passado, trazendo para o presente e o futuro o que ainda precisa ser mudado. Visto que, a exemplo de mulheres e homens que fizeram parte da comunidade joanina do século I d.C, somos chamadas/os hoje à Igreja/casa do Cristianismo Primitivo, onde houve mulheres protagonistas junto de homens que teve como objetivo levar o ‘vinho novo’ das bodas de Caná para os relacionamentos, e fazer destes um lugar mais saudável de se viver, mais compreensível, fraternal e solidário também dentro do casamento, mas também dentro da Igreja, na política e na economia.

O CASAMENTO ILUMINADO PELA AÇÃO DE JESUS E MARIA A PARTIR DAS BODAS DE CANÁ PARA HOJE SÉCULO XXI

Diante do cenário atual de pandemia do COVID 19 que estamos vivenciando, desde março de 2020, a violência contra a mulher aumentou 9%, segundo pesquisa². Diante disto, faz-se necessária a discussão de reforço às penalidades na aplicação da lei Maria da Penha em casos de violência doméstica, a qual abrange vários aspectos (psicológicos,

² Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/06/03/betim-casos-de-violencia-contra-a-mulher-aumentam-em-relacao-a-2019-mesmo-com-subnotificacao.ghtml>>. Acesso em: 3.jun.2020. 14:00:55.

sexuais, patrimoniais, etc), previstos na lei.

Contudo, segundo Paes (2019, p. 91) “a questão, muito além dos aspectos jurídicos normativos, diz respeito a aspectos socioculturais de uma sociedade patriarcal e machista”. Para Safiotti (*apud* PAES, 2019, p. 94) o patriarcado existe entre 5.203-4 anos a 2.603-4, segundo a autora é um ‘recém-nascido’ mediante a idade da humanidade entre 250.000 e 300.000 anos, ela frisa que os fundamentos do patriarcado ainda não foram destruídos. Ele está pautado onde são configurados direitos aos homens sobre as mulheres, tais como o direito do homem em relação à sexualidade da mulher; estabelecendo assim uma hierarquia de poder sobre a mulher; fortalecendo uma base material e corporal, e por fim, representado numa “estrutura de poder baseada na ideologia e na violência” (PAES, 2019, p. 95).

Com isso, podemos perceber que a mulher se torna vítima do *ethos* representado pelo sistema patriarcal, e que não existe ainda um direito legal que garanta ao agressor uma forma de ressocializar e buscar enxergar o seu papel, visto que, a violência tem aumentado e o poder de coerção tem falhado na busca da mulher por seu direito (HANAH ARENDT *apud* SAADI TOSI, 2017, p. 63).

Para Arendt (*apud* SAADI TOSI, 2017, p. 60-61):

Poder como a banalidade humana não apenas para agir, mas também para agir em concerto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas enquanto grupo se conserva unido. Quando podemos dizer que alguém está ‘no poder’ na realidade nos referimos ao fato que ele foi empossado por um certo número de pessoas para agir em seu nome [...] Sem um povo ou grupo não há poder.

Ademais, explica Patricia Copello (*apud* PAES, 2019, p. 96) “(...) a causa definitiva da violência contra as mulheres não deve ser procurada na natureza dos laços familiares, mas na discriminação estrutural sofrida pelas mulheres como consequência da desigualdade ancestral na distribuição de papéis sociais”, portanto, a subordinação das mulheres não vem de características familiares, mas de uma estruturação da sociedade patriarcal (PAES, 2019, p. 96). Por isto, a importância de rever relações e seus papéis como uma forma de categoria de ‘gênero’ e ‘categoria de gênero’ (tema do próximo item), e assim, falar das diferenças que se culmina nas desigualdades, culturais, institucionais que irá refletir na forma ver e viver no mundo (MUSSKOPF, 2019, p. 26). Uma delas é a violência doméstica que para Cavalcanti (*apud* FERRAZ; COUTINHO, 2014, p. 176) é descrita como:

[...] ação ou omissão que ocorre no espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas. É aquela praticada por membros de uma mesma família, aqui entendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa.

Contudo, fica a pergunta: O que fazer para que homens e mulheres descubram seus papéis, e assim, a violência possa diminuir? Para que a mulher não seja mais vítima e, por

isto, o homem também não seja mais agressor³.

O PAPEL DO HOMEM E DA MULHER

Bourdieu (*apud* BARREIRA, 1999, p. 178) menciona as relações de dominação de fácil perpetuação porque já é vista num contexto social, e também dele há também outras formas de dominação. E acrescenta que a dominação masculina ultrapassa as relações de gênero o que constitui uma sociedade androcêntrica, e também que o poder simbólico faz reprodução no mundo social, tanto nas palavras, quanto nos gestos, e na divisão dos sexos. O mesmo autor diz que “a construção da diferença entre o masculino e o feminino está, portanto, circunscrita a um trabalho de classificação, separação e, sobretudo, ocultação dos mecanismos básicos de diferenciação”. Contudo, se a dominação masculina se adéqua ao mundo social nas relações sociais haverá uma submissão paradoxal, determinada de ‘violência simbólica’, que se torna invisível na medida em que as vítimas aderem a tal dominação (BOURDIEU *apud* BARREIRA, 1999, p. 178).

Segundo Lemos; Ecco; Nieves (2018, p. 249) o ‘sagrado’ é algo fora do nosso alcance e que possui um poder como um *majestas*⁴, que diante daquele que se vê sente-se o pó e cinzas perante este mistério, que é percebido pelo sentimento religioso, e por isto, não pela razão, pois desperta sentimentos e emoções que ultrapassam a razão, base para um conceito de justiça divina, um mistério, em que atrai amor, misericórdia e piedade. Porém, percebemos que o ‘Sagrado’ na tradição judaico-cristã Ocidental se dá através da figura masculina (LEMOS; ECCO; NIEVES, 2018, p. 249). Temos como exemplo da divindade, conhecida como ‘Pai Eterno’, na figura de um velhinho sábio (LEMOS; ECCO; NIEVES, 2018, p. 249), na figura de uma imagem conhecida por ‘Divino Pai Eterno’ e também pela romaria popular na direção à Trindade, uma cidade do estado de Goiás que atrai milhares de pessoas. Ao passo que, a figura de ‘Eva pecadora’ (mulher) narrada no livro de Gênesis, a qual deu o fruto proibido a Adão e o fez pecar, fazendo de Eva uma irresponsável que não merece a confiança de Deus, além do mais narra o fato de Adão ter sido criado primeiro (LEMOS; ECCO; NIEVES, 2018, p. 249). Diante dos textos sagrados contemplamos a manifestação de Deus numa descendência masculina como: Abraão, Isaac, Jacó, José, Moisés, Davi, Salomão, Josué... pelo fato destes terem feito uma experiência ou presenciado Deus em suas vidas através da *hierofania*⁵, que culmina enfim, em Jesus, também homem, e as mulheres onde estão? (LEMOS; ECCO; NIEVES, 2018, p. 249-250). Visto que, o sagrado tem grande importância para as pessoas, e se

3 O filósofo Bert Hellinger contribuiu com sua nova abordagem fenomenológica sistemática, chamada Constelação Familiar, a qual foi desenvolvida para melhor estabelecer as relações humanas, que também poderá contribuir muito no relacionamento entre o homem e a mulher, na diminuição da violência contra a mulher existente ainda hoje em pleno século XXI.

4 Segundo Otto (1985, p. 23) “é o superpoder absoluto do *numinoso* (o não-racional) que se relaciona o sentimento de ser criatura”.

5 Ver mais em (ELIADE, 1992).

sentir especial para o sagrado trouxe grande peso positivo na formação de uma identidade. No entanto, também trouxe consequências para as identidades masculinas e femininas, que diante dos sistemas simbólicos entre homem e mulher percebemos uma relação de violência, como o papel da religião em seu tratamento com as identidades de gênero, o que contribui cada vez mais na força deste papel, e faz com que a violência de gênero se perpetue (LEMOS; ECCO; NIEVES, 2018, p. 250).

Por último, as concepções de gênero são construídas através de imagens, experiências e práticas religiosas, neste âmbito pode se buscar alterações nos relacionamentos entre homens e mulheres, o demonstra as mulheres serem submissa a essa cultura patriarcal que as exclui e oprime, e mesmo a partir de novas práticas e experiências de mulheres, elas ainda continuam aderindo a cultura existente, o que atrapalha que as mudanças em relação à concepção de gênero aconteçam, haja vista, que ainda se encontram muitas resistências em admitir essas mudanças (LEMOS; ECCO, NIEVES, 2018, p. 255). Numa entrevista realizada por Elsa Tamez, ela pergunta sobre o artigo que Ivone Gebara fez sobre “cómo la mujer hace teología?” E ela responde resumidamente que a mulher deve tomar uma postura e interferir na produção de valores culturais entre o feminino e o masculino, pois há outras maneiras de relacionamento humano e outras maneiras de pensar, e não é a biologia que dita regras (TAMEZ, 1986, p. 120-1). Como diz Simone Beauvoir (*apud* SILVA, 2019, p. 10) “*Não se nasce mulher, se torna mulher*”, frase também que pode ser transferida ao homem, “*Não se nasce homem, se torna homem*”. A partir desta frase é que constitui a contribuição da feminilidade e da masculinidade, o que leva a reflexões sobre o papel do homem e da mulher na perspectiva da análise de gênero (GEBARA, 2000, p. 103). Diante disto, o que tenho visto nos últimos tempos tem me preocupado, no que consiste no aumento do número de Violências Contra a Mulher, isto significa que o homem não está utilizando seu poder de forma que frisa o discipulado de Jesus, na base da igualdade de gênero, mas pelo contrário está cada vez mais alimentando o patriarcalismo histórico, que vai contra o discipulado proposto por Jesus em seu discipulado. Diante disto é preciso colocar em prática a palavra de Deus, visto que, Deus criou o homem e a mulher a sua imagem e semelhança (Gn 1, 27) e que nenhum deve estar submisso ao outro, mas que ambos usam da submissão uns para com os outros, ou seja, servindo um ao outro com respeito e amor valorizando sua humanidade, e por isto, o divino que existe em cada um.

REFERÊNCIAS

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Revista de Ciências Sociais. v. 30, n. 1/2. 1999. p. 178-181.

BÍBLIA DE JERUSALÉM: Nova edição, revista e ampliada. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. 11. reimpressão. São Paulo: Paulus, 2016.

DUARTE, Samuel de Jesus. O Cumprimento da Justiça a Partir da Perspectiva do “Divórcio” no Aspecto do Relacionamento Homem-Mulher em Mt 19, 1-9. In: ECCO, Clóvis. et al. (Orgs.). *JUSTIÇAS: IX Congresso Internacional em Ciências da Religião*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2018. p. 292-314.

FEHRIBACH, Adeline. *En Clave de Mujeres... Las Mujeres en la Vida del Novio: Um analisis histórico-literário feminista de los personagens femininos en el cuarto evangelio*. Traducción: María del Carmen Blanco Moreno y Ramón Afonso Díez Aragón. Bilbao: Desclée de Brouwer, S.A, 2001.

FERRAZ, Cristiane Leal de Moraes e Silva; COUTINHO, Rúbian Corrêa. Mulheres em Situação de Violência: Significados e Percepções Sobre Violência Doméstica e Familiar. In: FERRAZ, Cristiane Leal de Moraes e Silva (Orgs.). *As Políticas Públicas em Goiás na Efetivação da Lei Maria da Penha*. Goiânia: Ed da PUC Goiás, 2014. p. 173-207.

GEBARA, Ivone. Capítulo II. Compreender o mal pela mediação hermenêutica do GÊNERO. in: GEBARA, Ivone. *Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 103-144. 87

GONDIM, Luiz Carlos Lisboa; GONDIM, Lucas Mancilha . O Casamento Judeu: rituais, crenças e significados. *Revista Hermenêutica*, Cachoeira-BA, vol. 12, n. 2, p. 71-84, 2012.

JAUBERT, Annie. *Leitura do Evangelho Segundo João*. Tradução de Pe José Raimundo Vidigal, CSsR. São Paulo: Paulinas, 1985.

JEREMIAS, Joaquim. *Jerusalém no Tempo de Jesus: Pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. Tradução: M. Cecília de M. Duprat. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João: Amor e Fidelidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LEITE, Iêda Santos. Início do Livro dos Sinais (Jo 1,19-4,54): Origem da comunidade do Discípulo Amado, primeiros discípulos e primeiros sinais. In: SABOYA, Marysa M. (Orgs.). *Amar Sem Limites: Nas Trilhas das Comunidades do Discípulo Amado*. São Leopoldo: CEBI, 2015. p. 25-49.

LEMONS, Carolina Teles; ECCO, Clóvis; NIEVES, Katiushka Florencia Serafin. Religião, Gênero e Justiça Social: O Caso de Violência Contra Mulheres. In: COSTA, Celma Laurinda Freitas (Orgs.). *Justiça e Santidade entre o Ideal Humano e o Divino*. IX Congresso Internacional em Ciências da Religião PUC Goiás. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2018. p. 245-258.

MURAD, Afonso. *Maria toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia*. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012.

MUSSKOPF, André S. Gênero e Masculinidades. In: MUSSKOPF, André. S (Orgs.). *As Masculinidades e Seus Caminhos*. São Leopoldo: CEBI, 2019. p. 26-40.

PAES, Fabiana Dal'Mas Rocha. Violência Doméstica: A Lei Maria da Penha nas Perspectiva Socioculturais e Legais. In: SILVA, Laudelina Inácio da (Orgs.). *Os Avanços e Desafios dos Direitos Humanos das Mulheres no Brasil: As Contribuições da ABMCJ*. Goiânia: Kelps, 2019. p. 91-102.

PAGOLA, José Antônio. O Caminho Aberto por Jesus: João. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2013.

RICHTER REIMER. *Maria, Jesus e Paulo com as Mulheres: textos, interpretações e história*. São Paulo: Paulus, 2013.

SCHOTTROFF, Luise. *Mulheres no Novo Testamento: Exegese numa perspectiva feminista*. São Paulo: Paulinas, 1995.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. in: SHÜSSLER FIORENZA. Cap 5: Teologia Feminista como teologia crítica da libertação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 65-92.

SAADI TOSI, Lamia Jorge. *A Banalização da Violência e o Pensamento de Hanah Arendt: Um debate ou um combate?* Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP. Marília. 19. mai.2017. p. 1-29.

SILVA, José Joselito da. Gênero e masculinidades, uma construção: não se nasce homem, torna-se homem. In: MUSSKOPF, André. S (Orgs.). *As Masculinidades e Seus Caminhos*. São Leopoldo: CEBl, 2019. p. 7-15.

SOUZA; Carolina Bezerra; RICHTER REIMER, Ivoni. *Maria de Magdala: das Redes Evangélicas para a Festa?*. In: ECCO, Clóvis (Orgs.). *Justiças: IX Congresso Internacional em Ciências da Religião PUC Goiás*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2018. p. 260-277.

STEGEMANN, Ekkhard W; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios do judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

STRÖHER, Marga Janete. Entre a afirmação da Igualdade e o dever da submissão: Relações de igualdade e poder patriarcais em conflito nas primeiras comunidades cristãs. in: DIRCKSEN, Nilva. et al. (Orgs.). *Estudos Bíblicos: relações re-criadas na bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 36-44.

TAMEZ, Elsa; BOFF, Leonardo (et al.). *Teólogos de la liberación hablan sobre la mujer*. San José: DEI, 1986. p. 117-125.

TONINI, Hermes. Re-criando a casa de Jesus e seu discipulado de iguais: o movimento de Jesus na tradição do/a discípulo/a amado/a. in: DIRCKSEN, Nilva. et al. (Orgs.). *Estudos Bíblicos: relações re-criadas na bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.17-35.

VALÉRIO, Paulo Ferreira. A Unção de Betânia: Antecipação Simbólica da Morte e Ressurreição de Jesus (Jo 12,1-12). *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v.15, n. 9, p. 1447-1465, set. 2005.

SOBRE O ORGANIZADOR

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA - Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2011), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (2016) e graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Goiás (2019). Especializou-se em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (2012), História e narrativas Audiovisuais pela Universidade Federal de Goiás (2016), Psicopedagogia e Educação Especial, Arteterapia, Psicanálise pela Faculdade de Tecnologia e Ciências de Alto Paranaíba (2020). Possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2015). É doutorando em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professor na FacUnicamps, pesquisador da Universidade Federal de Goiás e psicólogo clínico - ênfase na Clínica Psicanalítica. Pesquisa nas áreas de psicologia, educação e teatro e nas interfaces fronteiriças entre essas áreas. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: inconsciente, arte, teatro, arteterapia e desenvolvimento humano.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Comunidade terapêutica 68, 69, 71, 73

Crime 42, 43, 44, 45, 46, 51, 52

D

Dano emocional 42, 43, 44, 45, 47, 50, 51

Descolonização 5, 6, 23, 29, 30, 33

Divisão sexual do trabalho 8, 9, 10, 11

F

Feminismo 1, 2, 3, 5, 6, 7, 21, 23, 24, 29, 30, 31, 33, 34

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 63, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83

I

Ideologia de gênero 36, 37, 38, 39, 40, 41

Indivíduos não-heterossexuais 68, 69

Interseccionalidade 1, 5, 6, 7

L

Lesbianidade 1, 4, 5

M

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82

Mulheres indígenas 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35

N

Nordeste 1, 2, 3, 6, 15, 26, 30, 32

P

Programa Mulheres Mil 8, 9, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Protagonismo de mulheres 74

R

Relacionamento abusivo 42, 43, 46, 47, 49, 50, 51, 52

Religião 15, 44, 73, 74, 81, 82, 83

S

Sistemas de informação 53, 63, 65

U

Uso de substâncias 68, 69

V

Violência 4, 7, 8, 14, 15, 16, 25, 26, 28, 29, 31, 35, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83

Violência contra a mulher 8, 15, 16, 26, 43, 53, 66, 78, 80

Violência psicológica 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

Vítimas mulheres 42

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

3



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

3




Ano 2022